

ANÁLISE DO DISCURSO ARQUEOLÓGICO DO RACISMO ESTRUTURAL ATRAVÉS DAS IMAGENS VISUAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

EDUARDO PUGLIESI¹³

RESUMO: Este artigo investigou as imagens visuais das pessoas negras no Livro Didático de História do EM¹⁴ da rede estadual da PB¹⁵ em duas categorias: escravos e cidadãos. Seu objetivo foi explicitar como o racismo estrutural está presente nas séries enunciativas visuais desse grupo de pessoas. A metodologia escolhida para investigá-las foi a Análise Arqueológica do Discurso (AAD) de Foucault (2015). Foi encontrada uma regra que estabelece um discurso que comunico neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens visuais; Pessoas negras; Racismo estrutural; Livro didático de história; Análise Arqueológica do Discurso.

ABSTRACT: This article investigated the visual images of black people in the EM History Textbook of the PB state network in two categories: slaves and citizens. Its objective was to explain how structural racism is presente in the visual enunciative series of this group of people. The methodology chosen to investigate them was the Archaeological Discourse Analysis (AAD) by Foucault (2015). A rule was found that establishes a discourse that I communicate in this article,

KEYWORDS: Visual images; Black people; Structural racismo; History textbook; Archaeological Discourse Analysis.

13 Doutorando em Educação pela UFPB.

14 EM = Ensino Médio.

15 São os livros didáticos (LD) escolhidos para a disciplina de história através do PNLD (2018) que compõem o conjunto obras oficiais da rede estadual da Paraíba (PB) - no qual cada escola da rede tem a liberdade de escolher com base em um portfólio de três obras.

Introdução

Os tempos carregam as suas idiossincrasias históricas, suas peculiaridades e seus traços identificadores que falam de seu período e lugar. Essas características são marcas indeléveis que perpassam as eras. Enquanto estão acontecendo é como se olhássemos para uma ou outra peça de um grande mosaico. Assim, não faz muito sentido, mas quando nos afastamos no tempo e espaço, logo podemos perceber o todo e o sentido que foi construído pelo conjunto da obra (cada peça individual que foi sendo encaixada) que fala muito mais de seu tempo que qualquer autor individual com a melhor obra escrita.

Para corroborar com essa ideia preliminar, vamos verter nosso olhar para a Itália, inicialmente, no século XIV, berço do Renascimento Cultural, que vivenciou três períodos distintos em suas produções: *Trecento*, *Quattrocento* e *Cinquecento*. Que muito contribuiu nas mais variadas formas artísticas deixando um legado em vários lugares, tais como: quadros, afrescos, escultura, arquitetura etc., e nessa mesma perspectiva deixemos que esse olhar se estenda até o século XVI por praticamente toda a Europa que irá produzir uma infinidade de representações visuais (SEVCENKO, 1994).

Ainda com base nessa mesma ideia preliminar, vamos passear historicamente pela Europa e EUA através de um movimento desenvolvido por pensadores que defendiam ver as coisas do mundo por meio da lente da razão - eram as luzes que iluminariam as trevas que eram representadas pelas ideias provenientes do *Ancien Régime*. Assim, os “iluministas” - passaram a pregar a liberdade tanto econômica quanto política. Algo que feria de morte as velhas estruturas (FALCON; RODRIGUES, 2006).

Diante daquilo que foi exposto preliminarmente, nessas duas relações temporais por meio daquilo que as identifica podemos dizer que cada tempo tem suas idiossincrasias que lhe são próprias e desta forma falarem de seu instante histórico para as futuras gerações.

O Século XXI vive imerso em uma rede imagética tão densa que sua presença é quase onipresente nos meios sociais. Elas estão em praticamente todas as relações cotidianas entre as pessoas.

Há uma imanência da imagem visual mediando a maioria das relações entre as pessoas na atualidade. Assim, podemos afirmar que vivemos em uma civilização da imagem (BARTHES, 2005), pois em nenhum outro momento da história da humanidade tivemos tantas imagens visuais em nosso meio regulando as relações sociais e estabelecendo sentidos no meio sociocultural. Isso é comum em uma sociedade que vive como se fosse uma “galáxia imagética” (SANTAELLA; NÖTH, 2015, p. 13).

Nessa perspectiva, podemos ver o quão é significativo a imagem visual tanto para apresentar algo a alguém quanto para servir de representação de uma dada realidade. É por meio dela que os imaginários sociais coletivos são configurados preliminarmente, pois as imagens “sempre têm algo a dizer” (CARLOS, 2010, p. 13).

Os seres humanos ao longo do tempo sempre usaram imagens visuais para representar algo de seu tempo, para dizer alguma coisa a alguém ou a algum grupo e até mesmo para alertar a respeito de algum perigo iminente. Um grande exemplo disso são as pinturas rupestres que são encontradas em diversas cavernas espalhadas por várias regiões do planeta que trazem em seu bojo de representações - caças de animais empreendidas pelo grupo que proporcionaria a sobrevivência de seu grupo, batalhas e mãos em negativos nas paredes de alguma gruta onde se encontravam reunidos, uma vez que “a imagem condensa a visão comum que se tem do passado” (KNAUSS, 2006, p. 99).

Há desde os primórdios um grande potencial comunicativos nas imagens. Elas são livres das estruturas rígidas das palavras. Uma vez que, possuem segundo Dufour (2005, p. 126):

[...] uma natureza intrínseca e uma organização interna [...] - para ler uma imagem, nunca haverá necessidade de começar pelo alto, pela esquerda, pelo centro ou por um ponto qualquer mais que por uma tentativa de apreensão do todo.

Suas correlações e efeitos de comunicação são de outra ordem. Elas estão no campo das linguagens não verbais e, portanto, seus traços, cores e formas conseguem acionar tanto diversos saberes relevantes de seu tempo quanto registrar no imaginário social coletivo aquilo que é válido em seu tempo.

Nessa relação milenar dos seres humanos com as imagens que perpassam o tempo há uma pedagogicidade e uma educabilidade do olhar (CARLOS, 2010), pois por meio desse ato tão simples - o de olhar determinada representação - há um processo de comunicação não verbal muito potente sendo desenvolvido.

Este texto é fruto de uma pesquisa inicial de doutoramento em educação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que já dá os seus primeiros passos com alguns achados muito relevantes que comunicarei na parte dos achados arqueológicos imagéticos que se encontra mais à frente.

Por ora, informo que as imagens visuais pesquisadas para a produção deste artigo, que formam o lócus preliminar dessa investigação se encontram em uma fonte primária divididas em três volumes, a saber: BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**, 1º Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016a; BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**, 2º Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016b; e BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História**

sociedade & cidadania, 3º Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016c.

Esses livros compõem o conjunto de material didático escolhido pelo corpo docente da Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio João da Cunha Vinagre/PB (escola a qual estou lotado desde fevereiro de 2018) no PNLD (2018).

Assim, esses três livros configuram-se tanto como meu instrumento de trabalho junto aos meus alunos/as quanto o campo investigativo a qual me debruço, à procura de regularidades em meio a dispersão dos significantes. Sigo em processo investigativo a fim de identificar formações discursivas e desta forma descrevê-las.

As imagens visuais investigadas nesta pesquisa são apenas de pessoas negras em duas categorias: escravas e cidadãs em suas mais variadas relações e correlações ao longo dos três volumes da fonte primária supracitada.

Diante da importância que a imagem visual tem na sociedade do presente século, mais o seu potencial comunicativo de ideias e saberes sem uma estrutura rígida que perpassa o tempo e os lugares, logo podemos asseverar que essa forma de comunicação é muito sofisticada, já que ela consegue transmitir um gigantesco fluxo de informações entre o emissor e os mais variados receptores dessa mensagem.

O objetivo principal da escrita desse artigo é comunicar de forma entendível e inteligível aquilo que a pesquisa permite compreender de como o racismo ordena o posicionamento e disposição das imagens visuais das pessoas negras ao longo das páginas dos LDs pesquisados, dado que são “portadoras de um conhecimento, pois apresentam elementos sobre o mundo, conhecido ou a se conhecer” (DA SILVA, 2008, p. 67).

Metodologia

A abordagem escolhida tanto para realizar a investigação quanto a análise dos achados foi a Análise Arqueológica do Discurso (AAD), de Michel Foucault (2015), uma epistemologia que possui ferramentas adequadas conforme a especificidade do objeto. Além disso, ela é muito potente para fazer a comunicação sistemática dos achados.

A investigação, preliminarmente, se dar no reino da linguagem, a superfície - o lugar das coisas visíveis. O local que será escavado, que pode ser uma territorialidade: textual (escrita), falada (sonora) ou visual (imagética). Enfim, onde estão as coisas empíricas - no caso desta pesquisa - as imagens visuais das pessoas negras que podem ser captadas pela visão.

Esse reino é governado pelos signos que operam o efeito comunicativo no que se pode ver.

A concepção de signo que será trabalhada neste artigo sobre as coisas vistas é tricotômica (significante, objeto de referência e significado). Ela é inspirada nos vastos estudos sobre a semiótica desenvolvidos por C. S. Peirce (1839-1914). A partir dessa noção, me lanço a investigar as mais variadas imagens visuais de pessoas negras que compõem o bojo delas ao longo dos livros pesquisados.

Assim, o processo da semiose se dará:

Partindo de um modelo triádico de signo, o signo da imagem se constitui de um significante visual (representamen para Peirce), que remete a um objeto de referência ausente e evoca no observador um significado (interpretante) ou uma ideia do objeto. Já que o princípio da semelhança possibilita ao observador unir os três elementos constitutivos do signo, não de estranhar que o conceito de imagem seja reencontrado nas denominações de cada um dos três constituintes. Às vezes, a palavra “imagem” designa o representamen no sentido de desenho, fotografia e quadro (SANTAELLA; NÖTH, 2015, p. 61).

São eles que dão sentido e compreensão aos atos comunicativos em qualquer ordem: verbal ou não verbal. Por isso, é primordial entender que o ser da linguagem é constituído por signos, ou seja, tudo aquilo que nos remete a alguma coisa. É a ideia que recorreremos para lembrar, representar, referir-se ou anunciar algo (CARLOS, 2017).

O signo em sua relação triádica com o objeto possui três modelos semióticos ao qual os três entes que configuram o signo atuam para construir um significado na comunicação em qualquer linguagem.

Primeiro, o ícone: um significante visual (Representamen) - um signo que carrega uma gama de qualidades específicas que o qualifica em sua relação com um determinado objeto; representa o objeto por particularidades de semelhança ou analogia. Exemplos: Estátuas, desenhos, fotografia desde guardem semelhança com o que representam (FERNANDES, 2011).

Segundo, o índice: um significante visual (Representamen) - um signo que conserva sua relação com o objeto ao qual alude em virtude ser afetado por ele, mas não é ele; é uma espécie de ícone que aponta para algo que ainda não se vê, mas que apresenta indicialmente sem ter traços de semelhança. Quem vê um indício logo sabe que há algo por trás. Pode-se asseverar que ele é um signo de grande utilidade para as relações humanas no contexto sociocultural ao qual se está inserido. Exemplos: fumaça na floresta que é um índice de incêndio; já fumaça saindo da chaminé de uma padaria é um aviso de ter pão no forno e em breve estará pronto, as nuvens se avolumando no céu ficando escuras é um índice que vem chuva (FERNANDES, 2011).

Terceiro, o símbolo: um significante visual (Representamen) - um signo no qual sua relação

com o objeto se dar através de uma convenção; opera por meio de duplicação e requer uma ideia geral. Um símbolo é algo que quando olhamos para ele, logo sabemos o que significa, há uma convenção em relação àquela imagem visual que está ali diante de olhos. Exemplos: uma pomba branca voando, símbolo da paz; o brasão de uma universidade; uma montadora de automóvel que tem sua marca registrada em um símbolo na frente de seu carro (FERNANDES, 2011).

Desta forma, de posse desses conceitos sobre os três modelos sógnicos vamos nos ater como a consciência simbólica do racismo tanto se configura quanto se estabelece no livro didático de história do ensino médio.

Esse entendimento é essencial para o desenvolvimento da investigação naquilo que está posto na dimensão da plausibilidade, mas esse não é o lugar da AAD que precisa adentrar nas camadas mais profundas, já que ela perpassa o reino das coisas visíveis - da linguagem. E, vai em direção ao reino dos discursos - onde estão os enunciados - o ser do discurso (FOUCAULT, 2015). Este é o campo que esta pesquisa se debruça a fim de encontrar uma formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2015, p. 47).

Com base nessa compreensão, Foucault (2015) direciona as investigações no sentido de se buscar as regularidades que há na dispersão das séries enunciativas. Por isso, o objetivo da AAD é aprofundar suas pesquisas escavando em uma verticalidade até as camadas mais profunda da linguagem.

Nesse processo investigativo, se rompe o limiar (lugar de separação entre do reino dos signos e dos enunciados). Esse é um procedimento que o Dr. Carlos (2017, p. 190) intitula de operar “o giro arqueológico”. Um momento que leva a pesquisa a percorrer a camada dos discursos - onde estão os enunciados. Após esse rompimento que é próprio da epistemologia da AAD as investigações se darão em busca dos artefatos enunciativos que se encontram na “grande superfície dos discursos” (FOUCAULT, 2015, p. 95)

Horizonte operativo

Partindo da premissa metológica que orienta esta pesquisa, discorrerei, brevemente, sob como se opera com a AAD em uma investigação.

É um processo que se dá em similaridade ao ofício de um arqueólogo. Pois, quando o mesmo encontra indícios de artefatos em determinado terreno logo passa a desenvolver sua pesquisa do local a fim de escavar.

Um arqueólogo nunca sabe o que encontrará ali naquele solo, pois há muitas camadas de entulhos que escondeu os artefatos por muito tempo. Da mesma forma é o pesquisador da AAD - ele não sabe o que irá encontrar - até encontrar os artefatos e proceder com as devidas análises.

De posse desses conceitos analógicos que servem de norte para uma pesquisa arqueológica vamos ao horizonte operativo que se desenvolve em três etapas, a saber: mapear, analisar e descrever (ALCANTARA; CARLOS, 2013).

Nessa primeira etapa, a partir dos indícios encontrados (alguma pista que ali tem artefatos enunciativos escondidos nas várias camadas da linguagem) no local que a pesquisa se dará é feito um mapeamento - levantamento das fontes primárias e secundárias. No caso desta pesquisa (BOULOS JÚNIOR, 2016a, 2016b, 2016c), portanto, um momento de horizontalização da investigação que se segue delineando o documento que será escavado na próxima etapa segundo os aspectos do tempo, espaço, gênero e os conceitos que serão usados para explicar os acontecimentos presentes em cada imagem visual que será mapeada nas fontes supracitadas.

Na segunda etapa, é o momento de se debruçar sobre tudo que foi mapeado e analisar pormenorizado. É nesse instante que há a sistematização do material encontrado, começando pelas fontes primárias e se ela apontará para outras secundárias com novos desdobramentos ou não. É aqui que ocorrerá a verticalização da investigação, quando o pesquisador adentra em uma camada mais profunda do solo da linguagem.

Ele sai do campo do visível e procura encontrar as formações discursivas que são formadas pelo conjunto das imagens visuais que obedecem determinada regularidade em uma dispersão que foram mapeadas e lidas sistematicamente. Efetivamente, é o momento que se opera “o giro arqueológico” (CARLOS, 2017, p. 190). De posse das informações mais elaboradas, com base não apenas das coisas vistas, mas das investigadas enunciativamente pode-se avançar para a próxima etapa desse horizonte operativo.

Por fim, é nesta etapa que se dará visibilidade por meio da descrição do complexo de relações enunciativas que foram identificadas na análise sistemática das fontes. Assim como um arqueólogo só pode dizer algo sobre seus achados após a escavação, retirada do artefato que estava encoberto por muitas camadas de terra e geralmente só se encontra um fragmento que precisará ser estudado para saber o que ele significa.

Muitas das vezes, o arqueólogo recorre aos saberes de outras áreas para descobrir do que se trata aquele fragmento e só assim ele pode começar a entender os seus achados. De posse de todas essas informações sistematizadas ele parte para a árdua tarefa de conferir comunicabilidade por meio da inteligibilidade presente em sua pesquisa. Assim, como assevera Foucault (2015, p. 133) assevera:

A descrição dos enunciados se dirige, segundo uma dimensão de certa forma vertical, às condições de existência dos diferentes significantes. Daí um paradoxo: ela não tenta contornar as performances verbais para descobrir, atrás delas, ou sob a sua superfície aparente, um elemento oculto, um sentimento secreto que nelas se esconde, ou que através delas aparece sem dizê-lo; e, entretanto, o enunciado não é imediatamente visível; não se apresenta de forma tão manifesta quanto uma estrutura gramatical ou lógica (mesmo se esta não estiver inteiramente clara, mesmo se for muito difícil de elucidar). O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto.

A imagem visual como uma instância de delimitação da consciência simbólica

Conforme já vimos, o signo tem como característica principal representar algo ou alguém ausente. Desta forma, por meio dela será presentificada à percepção visual.

Sabemos que a imagem visual simbólica é um signo que carrega em si uma convenção sociocultural sobre o seu significado. É uma espécie de dimensão vertical que é operado dentro do signo. Segundo Bhabha (2001, p. 82): “Neste esquema, o significante é sempre pré-determinado pelo significado - aquele espaço conceitual ou real que é colocado anteriormente e de fora do ato da significação”.

A compreensão deste conceito é de suma importância para o entendimento de como as imagens visuais das pessoas negras passam a ser usadas no sentido de simbolicamente representá-los por meio de significados estabelecidos por convenção.

A formação da consciência se dar por meio das relações sociais que se estabelece no meio social que se está através da cultura. Relacionamentos interpessoais são feitos em vários lugares e situações e identificações com o lugar em que se mora são estabelecidos.

Esse conjunto de múltiplas relações geram conexões que produzem lembranças e identificações que geram na psique uma consciência por meio do registro daquilo que foi vivido. Por exemplo: se fecharmos nossos olhos e pensarmos em nosso bairro de infância poderemos lembrar de alguns dos amigos que brincaram conosco, das brincadeiras na rua (para quem teve), dos anos iniciais na escola, de um amigo que morreu precocemente etc. Bhabha (2001, p. 83) assevera que “a continuidade da consciência pode ser lida no registro simbólico da semelhança e da analogia”.

Naquele primeiro, a consciência pode ser ampliada para trás até um passado ou uma ação fundante comum que estabelece uma identidade comum das pessoas; nesse último, por meio de comparações se estabelecem relações negadoras das diferenças.

É construído a partir daí tanto uma temporalidade quanto uma significação para as imagens internas (psíquicas) e as externas (visuais).

Não há imagens visuais neutras, todas elas obedecem uma ordem temporal de identidade e autoridade. Estão sempre em uma rede de significações que trazem em seus traços, cores, formas e tipos aparência da realidade, mas não devem ser lidas mimeticamente.

Já que, esse tipo de leitura seria comparável a estarmos em um *loop* infinito¹⁶ - nunca sairíamos e dessa forma ficaríamos presos dentro de uma rede de significações pré-estabelecidas que os significantes carregam. Mas, elas devem ser questionadas quanto ao que se propõem em sua feitura, seus usos, sua aplicação, sua relação, temporalidade de sua produção e seu uso na contemporaneidade (BHABHA, 2001).

A imagem visual é um ponto de identificação que marca o lugar da ambivalência. Sendo assim, sua representação é espacialmente fendida. Uma vez que, ela torna presente algo ou alguma coisa que está ausente. Ao mesmo tempo possui sua temporalidade adiada, pois representa um tempo que está sempre em outro lugar, como uma espécie de repetição *ad aeternum*.

Um conjunto de imagens visuais forma uma estratégia discursiva que conduz a emergência dos textos visuais presente nos materiais didáticos, materializada em um conjunto de normas nos livros de história do ensino médio e assim tomadas inscrições enunciativas.

O livro didático de história como campo de investigação da presença do racismo estrutural proveniente de uma consciência simbólica

O livro didático de história se constitui como um campo de disputas de poder, no qual em suas páginas se desenvolvem e se imbricam uma gama de relações imagéticas em uma alteração. É neste ambiente que as marcas do tempo estão dispostas com múltiplas intenções. Dentre elas destaco: os interesses do grupo dominante, a força hegemônica de determinado tempo que visa manter seu *status quo*; e por meio desse interesse formula as regras pelas quais os grupos dominados deverão viver e obedecer em seu cotidiano (VEIGA-NETO, 1995).

Desta forma, temos um simulacro clássico das várias relações de poder que já se

¹⁶ Essa é uma designação do mundo da informática que é quando ocorre um erro de execução de determinado programa e ele passa a repetir as mesmas sequências de instruções. Analogamente é o que acontece quando as imagens visuais são lidas sem reflexão - a mesma sequência de instruções do que se está vendo são seguidas.

desenvolveram e se estruturaram nas sociedades (GIROUX, 2003).

Essa relação se dá também por meio das imagens visuais que produzem uma linguagem com forte ligação com o poder. Um fato evidente nas civilizações mesopotâmicas e nas sociedades da Idade Média. Por exemplo: a Igreja Católica, que exercia o poder sobre as mentalidades do povo em seu tempo a partir de vários matizes. Uma delas, as imagens sacras, pintadas nas igrejas, catedrais e basílicas. Desta forma, construía o imaginário da fé, por meio de representações do céu e do inferno.

Com base nos pressupostos imagéticos que já foram explicitados até agora e em como a relação sógnica opera nas imagens visuais e também como a consciência simbólica é formada nos sujeitos.

Nesse momento, vamos usar esses saberes para indagar as três fontes primárias supracitadas desta pesquisa. E, através do procedimento metodológico da AAD operar no *lócus* da investigação e assim realizar o mapeamento e sua posterior análise-descritiva das séries enunciativas encontradas.

Nessa perspectiva, diante da grande quantidade de imagens visuais das pessoas negras postas ao longo das páginas dos LDs investigados decidi agrupá-las em duas grandes categorias com a finalidade de observá-las com mais acuidade e assim ter um melhor ângulo de visão sobre elas em suas relações e correlações com o texto escrito.

A primeira categoria são as imagens visuais das pessoas negras na condição de escravas. O conjunto de imagens mapeadas nessa categoria está no intervalo de tempo do século XVII ao XIX.

Os significantes visuais desse momento estão dispostos de uma maneira geral em uma posição de inferioridade, de subalternidade e de subserviência.

Na condição de escravos, logo são tratados como coisas, uma propriedade de outrem - que podem fazer o que bem entenderem.

Os escravos têm ordinariamente seus corpos realçados nas representações por meio de suas bocas, seus braços, seus pés, e em específico, no caso das mulheres: suas nádegas e quadris.

Os homens têm sempre traços de força por meio da evidência de seus músculos; já as mulheres, com traços, formas, posições e cores de denotam sensualidades.

Sempre há uma relação de regularidade direta em um trabalho manual todas as vezes que os homens negros aparecem nos LDs pesquisados supracitados. Ora em uma lida nas lavouras açucareiras, cacauceiras, algodoceiras ou cafeeiras, enfim - em cada uma dessas

culturas estavam os mais fortes fisicamente, em sua grande maioria composta por homens; já nos trabalhos domésticos - há uma predominância das mulheres; e também como escravos e escravas de ganho - carregavam balaios ou cestos na cabeça com produtos da terra para vender nas feiras a fim de gerar lucratividade aos seus senhores - uma atividade predominantemente composta por mulheres.

Esses achados relacionados as pessoas negras por meio das representações visuais nessa delimitação de tempo encontram respaldo histórico. Pois, essas representações se coadunam com os inúmeros relatos e teorias sobre esse tempo que foi delimitado na primeira categoria de enquadramento das imagens visuais.

As pessoas negras que foram trazidas para o Brasil, ainda como terras portuguesas, não foram tratadas como seres humanos. Os mesmos estavam encaixados em uma condição existencial de negação de sua humanidade. E, as imagens visuais desse tempo retratam essa forma de vê-los nessa temporalidade.

Quando me debruço sobre as produções imagéticas pós o 13 de maio de 1888 enquadradas sob uma nova categoria - a de cidadãs. Pois, a partir da Lei Áurea, todos os escravos foram libertos e juridicamente foram considerados cidadãos. Então, a partir de agora, essas pessoas que foram tão aviltadas, vilipendiadas e exploradas estão em uma nova categoria.

Partindo desse pressuposto, delimito o instante temporal do século XX ao início do XXI para dar continuidade à investigação das imagens visuais das pessoas negras que foram produzidas e dispostas ao longo das páginas nos LDs selecionados.

Verifico por meio de uma leitura sistemática das imagens visuais que foram mapeadas que a mesma regra perversa é mantida na disposição delas por meio de seus significantes - os grupos de identidade racial negra continuam presos a uma relação de inferioridade (ALMEIDA, 2019); os homens estão ligados a trabalhos braçais que requer muita força física; as mulheres têm a sua imagem identificada à sensualidade - por exemplo: as passistas de escolas de samba carioca no período do carnaval, pejorativamente, chamada de mulatas.

Só se reconhece as superioridades das minorias nos territórios restritos: para os negros - a sexualidade, o jazz, o esporte. Proclama-se a inteligência dos judeus, mas é para dizê-los 'muito inteligente' em detrimento da moral e do escrúpulo; os dominantes reservam-se a plenitude complexa, indefinida da existência: ser inteligente e dar os objetos válidos a essa inteligência; ter força sexual e saber dominá-la (SNYDERS, 1988, p. 133).

Uma continuidade dessa relação de racismo que é estrutural está arraigada na sociedade

e podemos percebê-los nos empregos domésticos que em sua maioria são compostos por mulheres negras que logo remetem nossa consciência simbólica as escravas domésticas do período colonial que eram responsáveis por atividades na Casa Grande.

Essa relação de um tempo passado é tão presente em nossos dias que em muitos apartamentos nas grandes capitais ainda se usa a expressão “dependência de empregada” - algo que nos lança para outro século - quando as pessoas negras ainda eram escravas. É a consciência simbólica imanente do racismo presentificada nas relações sociais, econômicas e culturais (BHABHA, 2001).

A dependência para empregada ou quarto da empregada (um lugar lúgubre que remete diretamente ao espaço dos escravos domésticos nas Casas Grandes do Senhor de Escravos do período colonial brasileiro) - geralmente nos fundos das casas ou apartamentos, próximo à área de serviço e cozinha é o registro simbólico dessa consciência que está imanente em muitos lugares do tecido social expresso através da arquitetura em pleno século XXI.

Uma permanência histórica que revela na sociedade como “o racismo está presente na vida cotidiana” (ALMEIDA, 2019, p. 33) que por meio dessa arquitetura revela a consciência simbólica de um racismo estrutural sendo visibilizada em um traço arquitetônico. Dessa forma vemos com clareza que

[...] o racismo não é uma ilusão que se dissiparia desde que se considerasse a situação de modo ‘racional’; o racismo desempenha um papel, tem uma função para o indivíduo e para a coletividade; e o racismo só se vela na medida em que esses papéis compensatórios tornam-se inúteis (SNYDERS, 1988, p. 130).

A partir do final do século XX e início do XXI passamos a ter algumas imagens visuais de pessoas negras que “extrapola o enquadramento da imagem [...] um signo de resistência” (BHABHA, 2001, p. 83).

Algo de proeminência e sucesso são incorporados aos registros de algumas pessoas negras na história contemporânea que estão postos livros didáticos de história, mas com um detalhe - os significantes visuais dessas pessoas negras estão sempre relacionados aos esportes ou as artes - numa relação direta de valorização de sua força física em detrimento de sua identidade racial para tal feito - é nessa conexão de características específicas que essas imagens visuais são posta nos referidos livros pesquisados.

Não há imagens visuais de pessoas negras relacionados ao conhecimento, ao saber de determinada área, a um grande feito ou descoberta da ciência que marcaram seu tempo, e por fim, numa posição hierárquica de superioridade - há um silenciamento imagético dos grupos sociais de pessoas negras nas páginas dos livros pesquisados.

Uma vez que, conforme a consciência simbólica que opera na gênese da formação do racismo estrutural e por meio desse constructo as pessoas negras “[...] nasceram inferiores e definitivamente condenadas à inferioridade” (SNYDERS, 1988, p. 135). Ocorre uma espécie de apagamento desse sujeito histórico.

Há aqui nessas questões supracitadas uma relação de racismo direto e indireto que agem distintamente sobre a população negra do Brasil proporcionando a permanência de uma consciência simbólica dessas pessoas como entes inferiores e assim permanecem em uma situação de aviltamento.

Mesmo após o fim da escravidão (final do século XIX) seus ecos reverberam pelas paredes das sociedades através de um racismo estrutural que se estabeleceu uma ordem de inferioridade aos afrodescentes que condenaram a vida de eterna resistência para superar as dificuldades e desafios.

Os livros didáticos de história carregam de uma forma geral em seu bojo de assuntos a serem estudados e ensinados conflitos e antagonismos dos grupos sociais que são tipificados de acordo com o poder estabelecido. E, as instituições historicamente são aquelas que absorvem esses conflitos por meio da força ou das negociações privilegiando uns em detrimento de outros.

Posteriormente criam as normas pelas quais os entes sociais passarão a obedecer. São nessas normas que os grupos dominantes estabelecem a segregação dos grupos sociais. Dando privilégios a uns e desvantagens a outros. Aqui está a gênese do racismo institucional que repousa na consciência simbólica na qual as regras criadas (as leis) têm uma finalidade de tornar normal e natural a ordem vigente - de desigualdade social tendo por base as questões raciais.

E, assim, os grupos sociais das pessoas negras continuam a viver explorados pelo mesmo grupo dominante formado predominantemente por homens brancos. Como assevera Silvio Almeida (2019, p. 33):

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. [...] o racismo é parte da ordem social. Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido.

O racismo é na verdade estrutural porque decorre de uma consciência simbólica que gerou uma estrutura social arraigada há muito tempo e que molda tanto os comportamentos individuais quanto às demandas institucionais como um feixe de relações políticas, econômicas e jurídicas que agem simultaneamente no tecido social.

Desta forma, o racismo passa a ser reproduzido nas consciências por meio do uso das imagens visuais como um *loop ad infinitum* de uma maneira sistêmica na sociedade, pois cada estrutura dessa produz um ato discriminatório que faz com que o racismo continue mantendo sua ordem na sociedade.

Considerações finais

Levando em consideração o que foi exposto, concluo o presente texto apresentando sucintamente cinco pressupostos que orientaram a produção desse artigo que está respaldado em minha pesquisa cujo tema é correlato ao título do mesmo.

De início, saliento que a abundância de imagens visuais na sociedade do tempo presente mais sua inserção cada vez maior nos LDs de uma maneira geral, e mais especificamente nos de história são um indício de sua importância na mediatização das relações sociais. Na área da educação elas tem se tornado de suma importância e entender como se dá o seu *modus operandi* é essencial para se trabalhar com elas no processo ensino-aprendizado de uma maneira mais eficaz.

Segundo, a importância que a compreensão das relações sógnicas tem para a concepção da linguagem, uma vez que o ser da linguagem é o signo (CARLOS, 2017). Sem o qual a comunicação perderia o seu significado. Pois, o signo está presente no mundo das coisas visíveis regulando as representações.

Por exemplo: um traço não é simplesmente um traço em uma determinada língua - ele pode ser tomado como uma representação de algo ou alguma coisa e assim o sentido sógnico cumpre seu papel de representar algo. E, essa representação se dar por meio da relação tricotômica: significante-objeto de referência-significado (FERNANDES, 2011; CARLOS, 2017). As imagens visuais têm seu significado expresso por meio dessa relação tria, sem a qual elas são vistas apenas como uma representação de algo, mas desprovidas de um significado.

É necessário o entendimento dessa relação operada pelo signo para que de fato o que cada imagem visual expresse o significado que a mesma carrega em si e como uma série enunciativa visual estabelece uma significação em uma temporalidade dentro de uma espacialidade.

Terceiro, a importância que a formação da consciência simbólica tem para a manutenção do racismo estrutural na sociedade brasileira. Pois muitas outras sociedades fizeram uso do trabalho compulsório. Escravizaram inúmeros povos, cometeram atrocidades sem medida, por exemplo: os mundos gregos e romanos. Que se desenvolveram fazendo uso da

escravidão por meio de ameaças e guerras sanguinolentas por muito tempo na expansão de suas cercanias.

Os vestígios simbólicos desse momento ficaram apenas como um marco histórico, mas não seguiram acompanhando essas sociedades após o fim desse acontecimento com ocorre no Brasil.

A nossa escravidão tem uma série de idiossincrasias particulares, no entanto a mais marcante para esse artigo é a pecha simbólica que foi dada as pessoas negras de “sub-raça” - uma forma pejorativa de manter os afrodescendentes presos simbolicamente as agruras que não mais faz parte desse tempo presente. Isso é evidenciado pelo conjunto das imagens visuais dispostas ao longo dos LDs pesquisados.

Assim, podemos compreender que o racismo estrutural decorre de uma estrutura social arraigada há muito tempo e que essa estrutura molda tanto os comportamentos individuais quanto as demandas institucionais como um feixe de relações políticas, econômicas e jurídicas que agem simultaneamente no tecido social.

Desta forma, o racismo passa a ser reproduzido de uma maneira sistêmica na sociedade, pois cada estrutura dessas produz um ato discriminatório que faz com que o racismo continue mantendo sua ordem na sociedade (ALMEIDA, 2019).

Quarta, dizem respeito as contribuições teóricas e metodológicas da Análise Arqueológica do Discurso (AAD) as investigações relacionadas a tal ordem do discurso. A AAD tem em sua caixa de ferramentas um repertório muito rico e diversificado para se lançar à procura das séries enunciativas visuais por meio do seu *modus operandi* próprio que é investigar a regularidade na dispersão dos enunciados ao longo das páginas dos LDs supracitado.

Encontrado uma regularidade se dar o processo de sistematizar os achados para poder analisá-los arqueologicamente. Abandonando o primado da interpretação e introduzindo o da descrição da ordem do discurso em suas múltiplas relações e correlações com o texto escrito - espaço que a imagem visual está inserida.

Por fim, é mister entender como é operado a relação significantes-significados das imagens visuais das pessoas negras nas duas categorias que as agrupei a fim de poder estudá-las melhor.

No primeiro momento, os significantes visuais são das pessoas negras na categoria de escravas e desta maneira são retratadas nas reproduções imagéticas do século XVII ao XIX como coisas, não há humanidade nas expressões artísticas em são retratadas. As imagens visuais desse momento histórico, em alguns momentos criam similaridades entre crianças

negras e animais - as põe em um mesmo plano representacional. Há um acervo muito rico e diversificado que mantêm uma regularidade de perversidade em suas expressões imagéticas.

No segundo momento, vemos as pessoas negras em outra categoria - a de cidadãs. Mas, com a mesma regularidade de inferioridade e subalternidade nas representações. De tal sorte, que parece haver um *looping ad eternum* imagético. Pois, mesmo como pessoas livres da escravidão, a escravidão não sai da regularidade representacionais. Os efeitos simbólicos se mantêm havendo apenas uma forma de sair desse enquadramento - as artes e esportes. Nesses dois casos, há uma relação sígnica icônica que extrapola as estruturas discursivas estabelecidas - há um signo que tanto resiste quanto opera mudanças reconfigurando determinadas imagens no cotidiano das pessoas negras.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, M. A. Miranda; CARLOS, Erenildo João. Análise arqueológica do discurso: uma alternativa de investigação na educação de jovens e adultos (EJA). *Intersecções* (Jundiaí), v. 6, p. 59-73, 2013.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARTHES, Roland. **Inédito, v. 3: imagem e moda**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania**, 1º Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016.

_____. **História sociedade & cidadania**, 2º Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016.

_____. **História sociedade & cidadania**, 3º Ano. 2. ed. São Paulo: FTD, 2016.

CARLOS, Erenildo João (Orgs.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, 246 p.

_____. Achados sobre a noção arqueológica do discurso em Foucault. *Revista Dialectus*, v. 11, p. 176-191, 2017.

DA SILVA, Maria Lúcia Gomes. A cultura midiática e suas implicações na educação de jovens e adultos. In: CARLOS, Erenildo João. (Org.). **Educação e visualidade: reflexões, estudos**

e experiências pedagógicas com a imagem. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 57-76.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de seduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal.** Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FALCON, Francisco José Calazans; RODRIGUES, Antônio Edmilson M. **A formação do mundo moderno: A construção do Ocidente séculos XIV ao XVIII.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

FERNADES, José David Campos. Introdução à semiótica. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues (Org.). **Linguagens: usos e reflexões.** 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2011. v.8.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Tradução: Luiz Felipe Beata Neves, 8^a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GIROUX, Henry A. **Atos Impuros: A prática política dos Estudos Culturais.** Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997 - 9. Reimp., 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento.** 16. ed. rev. atual. São Paulo: Atual, 1994.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola.** São Paulo: Manole, 1988. Segunda parte: continuidade-ruptura. Cap. IV. O racismo, p. 127-139.

VEIGA-NETO, Alfredo J. Michael Foucault e educação: há algo de novo sob o sol? In: **Crítica pós-estruturalista e educação.** Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 10-14.